

## ORAÇÕES RELATIVAS EM TEXTOS CIENTÍFICOS: AMBIGUIDADE E EFEITO DISCURSIVO

### RELATIVE CLAUSES IN SCIENTIFIC TEXTS: AMBIGUITY AND DISCURSIVE EFFECT

Hadinei Ribeiro Batista (UEMG/CNPq)<sup>1</sup>

Ana Paula Gonçalves de Araújo (UEMG/FAPEMIG)<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo tem como meta analisar, em caráter preliminar, efeitos discursivos e de ambiguidade de construções relativas em artigos científicos da área da Psicologia e em produções textuais de discentes iniciantes de curso de graduação. Tradicionalmente, de modo geral, as explicativas, em contraste com as relativas restritivas, são expressas prosodicamente por isolamento, qual seja, pausa textualmente marcada. Tal aspecto, em muitos casos, resulta em interpretação ambígua ou decorre de efeito discursivo particular, em especial em produções textuais na modalidade escrita. Para verificar a possível ocorrência de ambiguidade ou efeito discursivo nessas construções, foi analisada uma amostra de Batista (2022), composta de 140 resumos de textos científicos produzidos por estudantes em fase inicial de formação superior, e um conjunto de ocorrências em artigos científicos publicados em periódicos qualificados pela CAPES da área da Psicologia. O estudo se baseia nos trabalhos de Decat (1999, 2001, 2014) a respeito das orações desgarradas/hipotáticas. Os dados mostram que o sinal gráfico da vírgula não é determinante para a interpretação 'explicativa' ou 'restritiva' das construções. Em alguns casos, o isolamento sintático se dá por efeito discursivo de foco.

**Palavras-chave:** Orações Relativas. Hipotaxe. Ambiguidade. Efeito discursivo.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze, on a preliminary basis, the discursive and ambiguous effects of relative clauses in scientific articles in the area of Psychology and in textual productions by beginning undergraduate students. Traditionally, in general, the nonrestrictive clauses, in contrast to the restrictive ones, are expressed prosodically by isolation, that is, textually marked pause. This aspect, in many cases, results in an ambiguous interpretation or results from a particular discursive effect, especially in textual productions in the written modality. In order to analyze the possible occurrence of ambiguity or discursive effect in these clauses, a sample from Batista (2022) with 140 abstracts produced by students attending the 1st graduation period at a public university and a set of occurrences in scientific articles published in periodicals qualified by CAPES in the area of Psychology were considered. The study is based on the works of Decat (1999, 2001, 2014) regarding shypotactic clauses. The data show that the graphic sign of the comma is not decisive for the 'nonrestrictive' or 'restrictive' interpretation of the clauses. In some cases, syntactic isolation occurs due to the discursive effect of focus.

**Keywords:** Relative clauses. Hypotaxis. Ambiguity. Discursive effect.

---

<sup>1</sup> Docente do curso de Letras da Universidade do Estado de Minas Gerais - UEMG/Divinópolis. Pós-doutorando em Linguística (CNPq/UFS).

<sup>2</sup> Graduanda do curso de Psicologia da Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG/Divinópolis. Bolsista de IC/FAPEMIG.

## Introdução

Tradicionalmente, as orações relativas explicativas exercem uma função *adicional*, que encerra simples pormenor da entidade referenciada, porém não desprezível quanto ao processo comunicativo (ROCHA LIMA, 1994; BECHARA, 2015). Vilela e Koch (2001) consideram as explicativas como uma informação apositiva de seu referente, ou seja, um enunciado subordinado cuja supressão não acarreta prejuízos à atividade interpretativa. Neves (2000) salienta que as subordinadas explicativas não têm o papel de relativizar o referente que, nesse caso, já se apresenta delimitado de forma independente, podendo se referir à universalidade (BECHARA, 2015) tanto de uma classe de indivíduos quanto à sua unidade. Perini (1996:156) ressalta que a função apositiva dessas construções é necessariamente marcada por eventos de pausa, textualmente sinalizados na escrita, em geral, pelo emprego da vírgula. Sendo assim, na modalidade escrita, a presença *versus* ausência de vírgula entre referente e sua unidade modificadora subordinada mostra-se como uma evidência gramatical para decisões interpretativas de um universo relativizado ou não. Porém, a depender do contexto e da unicidade do referente, a universalidade pode ser a única interpretação possível, independentemente da marcação ou não de pausa. Observe o enunciado (1) a seguir:

(1) Nós habitamos o planeta TERRA **que é iluminado pelo SOL.**<sup>3</sup>

Em (1), a única interpretação possível é a de universalidade, pois se desconhece um mesmo *planeta terra* que não seja iluminado pelo sol, a não ser em contextos de ficção. Assim, apesar da ausência da vírgula, a leitura não é restritiva, o que nos leva a refletir até que ponto a pausa marcada, informação prosódica, afeta a interpretação semântica, haja vista que o conhecimento do leitor sobre a universalidade das coisas concorre com o evento de silêncio para efeitos de compreensão.

Textos produzidos por estudantes em fase inicial de graduação revelam estruturas em que o isolamento ou não de unidades informacionais (CHAFE, 1980; BATISTA; MOLLICA; AVELAR, 2022) pode gerar interpretação confusa/ambígua quando o leitor se depara com um referente cuja universalidade não é a única interpretação possível. É o que se verifica em (2):

(2) No século XIX foram reconhecidas cinco províncias, **que atualmente formam os principais domínios morfoclimáticos e geográficos brasileiros.** (Amostra Batista, 2022)<sup>4</sup>.

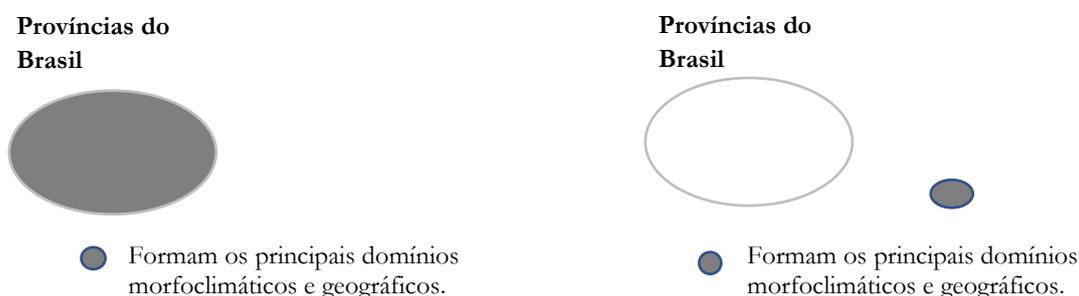
A informação presente na oração explicativa, marcada gramaticalmente com silêncio, deixa em dúvida se o referente *cinco províncias* era o total existente na época ou se refere a um número particular de províncias que correspondem àquelas que, reconhecidamente, compõem os principais domínios morfoclimáticos e geográficos do país. De acordo com informações do site da Câmara dos Deputados<sup>5</sup> sobre a Assembleia Constituinte de 1823, o Brasil era composto por 14 províncias. Considerando essa fonte, a informação contida no texto do discente deveria ter sido destacada como uma relativa restritiva. O diagrama a seguir ilustra a diferença de interpretação:

<sup>3</sup> <https://www2.bauru.sp.gov.br/>. Acessado em 16/11/2022.

<sup>4</sup> Os dados da amostragem [ou o procedimento de coleta dos dados nos textos produzidos por estudantes?] desta pesquisa foram aprovados pelo COEP CONEP?. CAAE: 61902722.7.0000.5546.

<sup>5</sup> <https://www.camara.leg.br/noticias/546341-conheca-a-historia-da-assembleia-constituente-de-1823/>. Acessado em 16/11/2022.

**Diagrama 1 – Contraste semântico entre orações explicativas e restritivas**



**Fonte:** Elaboração própria

Tendo em vista os problemas de interpretação advindos do pareamento aposição-restrição associado às orações relativas, este estudo revisita as pesquisas de Decat (1999, 2001, 2014) sobre os processos de subordinação para fins de defender a necessidade de conscientização de graduandos quanto à importância de distinção das orações relativas, de forma que possam operar com mais precisão e transparência durante a fase de textualização de suas atividades de pesquisa no âmbito acadêmico. A discussão empreendida neste estudo motivou também a proposição de uma intervenção pedagógica, que pode ser desenvolvida através de oficinas de leitura e produção de textos.

### 1 Orações explicativas e eventos de pausa

Nesta seção, serão abordadas definições sobre as relativas explicativas em gramáticas e nos estudos linguísticos, bem como a importância dos eventos de pausa que permeiam o isolamento de constituintes nominais, considerando-se o impacto dos registros de pausa na marcação de informações apositivas.

O quadro 1 mostra concepções consensuais entre gramáticos em considerar as subordinadas explicativas como uma informação independente, meramente acessória ou suplementar, em relação a seu referente. Mesmo em gramáticas descritivas e de uso, o sentido de aposição se mantém. Em todos os exemplos apresentados pelos gramáticos, observa-se haver um evento de pausa que encabeça a oração subordinada, sendo esse sinal uma das características que difere essa informação mais universal e genérica da unidade informacional relativizadora das restritivas. Ressalta-se que, na gramática descritiva de Perini, há outros aspectos que singularizam a explicativa em detrimento da restritiva, como a possibilidade de ser introduzida pela expressão ‘o qual’ sem preposição e poder conter um SN<sup>6</sup> diverso do referente iniciando a oração apositiva. De modo geral, a pausa, marcada pela vírgula, constitui um traço evidente da diferença semântica entre as duas relativas.

**Quadro 1 – Definições das subordinadas explicativas em Gramáticas**

DEFINIÇÃO	EXEMPLOS
É o termo adicional, que encerra simples esclarecimento ou pormenor do antecedente – não indispensável para a compreensão do conjunto. (ROCHA LIMA, 1994, p. 271)	‘Vozes d’África’, /que é um poemeto épico, / representa um alto momento da poesia brasileira.

<sup>6</sup> SN = sintagma nominal.

<p>A adjetiva se diz explicativa quando encerra uma simples explicação ou pormenor do antecedente, uma informação adicional de um ser que se acha suficientemente definido, podendo ser omitida sem prejuízo.” Difere ainda a adjetiva restritiva da explicativa, porque a primeira empresta ao antecedente um sentido particular (trata-se de um dentro de uma série) e a segunda um sentido universal (trata-se de um só). (BECHARA, 2015, p. 228)</p>	<p>Tracema, que é um romance, foi escrito por José de Alencar.</p> <p>A desgraça, que humilha a uns, exalta o orgulho de outros.</p>
<p>As construções relativas apositivas têm estrutura sintática semelhante à das não-apositivas, com algumas diferenças, a saber:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>(a) Só as apositivas se separam por vírgula do resto da frase;</li> <li>(b) Só as apositivas podem ocorrer com o relativo o qual sem preposição; e</li> <li>(c) Só as apositivas admitem as construções múltiplas (...) um SN [sintagma nominal] que contém relativo modificador para o início da oração. (PERINI, 1996, p. 156)</li> </ul>	<p>O urso, que fugiu, era branco.</p> <p>O uniforme, o feitio dos bolsos do qual o Ministério especifica.</p>
<p>Modificam um termo de sentido amplo e genérico, enfatizando a sua maior característica, ou uma de suas características. (SACONNI, 1991, p. 323)</p>	<p>Brasília, que é a Capital do Brasil, foi fundada em 1960.</p> <p>O jornal, que ainda ninguém leu, está ali.</p> <p>O animal mais veloz do mundo é o avestruz, que chega a atingir uma velocidade de 120 km/h.</p> <p>O rio Volga, depois de percorrer o território russo, deságua no mar, que, na verdade, não passa de um grande lago salgado, cujo nome é mar Cáspio.</p>
<p>Quando operam como um aposto do sintagma nominal, explicitando “um comentário do locutor acerca da entidade denotada por um sintagma nominal, o antecedente da relativa”. Entenda-se por “comentário” que as adjetivas explicativas não identificam “nenhum subconjunto dentro de um conjunto”. (CASTILHO, 2014, p. 371)</p>	<p>A neve, que é branca, transforma-se numa lama escura depois de muito pisada.</p>
<p>A informação introduzida é suplementar, não servindo para identificar nenhum subconjunto dentro do conjunto <i>a que se refere</i>. (Grifo nosso). (NEVES, 2000, p. 375)</p>	<p>De acordo com um levantamento da Trevisan, as empresas, que trabalham em setores mais competitivos, conseguiram (...).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Nos estudos linguísticos, Decat (2001, p.108) argumenta que as orações apositivas, ou relativas explicativas, por seu caráter de adendo, tendem a sofrer um processo que, em sentido *lato*, pode ser entendido como uma forma de ‘gramaticalização’. A autonomia sintática dessa construção facilita seu ‘desgarramento’, o que revelam os dados de sua pesquisa a respeito dessas estruturas tanto no PB (Português brasileiro) quanto no PE (Português europeu). Para a autora, o pronome relativo ‘que’ em uma estrutura apositiva funciona como uma espécie de pronome resumidor, modificando todo o texto anterior em vez de uma informação específica. Tal independência informacional favorece seu uso em estruturas ‘desgarradas’ sintaticamente da unidade textual precedente (DECAT, 1999).

A autonomia das construções explicativas remete a processos de (in)dependência sintática, em que se verificam relações mais ‘frouxas’ quanto aos encadeamentos por subordinação. A tradição gramatical compreende, de modo geral, que qualquer estrutura não-coordenada é necessariamente subordinada a uma oração principal. Vários estudos linguísticos (THOMPSON, 1984; DECAT, 2014; HALLIDAY, 1994) têm demonstrado que a subordinação é um fenômeno complexo e a relação de dependência entre as orações ocorre em um espectro em que se observa que determinadas estruturas apresentam laços com a oração principal mais fortes que outras.

Para Decat (2014, p. 130), a combinação de orações entre principais e subordinadas apresenta problemas. Em uma sentença relativa restritiva, do ponto de vista da unidade informacional (CHAFE, 1980), toda a construção constitui um único jato de linguagem, ou seja, trata-se de uma estrutura complexa por subordinação com laços fortes de encaixamento e dependência. Em relação à construção relativa restritiva, Decat (2014, p.131) defende que essa estrutura é parte de um todo por modificar um constituinte a que se refere, particularizando-o. Já as orações explicativas, conforme a autora, não particularizam um referente, mas acrescenta-lhe detalhes, o que lhe confere estatuto informacional mais ‘frouxo’, autônomo, haja vista o fato de a explicativa normalmente compor um ‘jato de linguagem’ independente.

Bally (1965[1944]) utiliza a metáfora da ‘soldadura’ com o fito de demonstrar o grau de encaixamento dessas estruturas. Por outro lado, essas construções mais ‘frouxas’, satélites (incluindo as construções oracionais adverbiais), recebem uma categorização à parte, qual seja, orações hipotáticas (Decat, 2014), em contraste com as orações que representam argumentos internos dos constituintes (substantivas e restritivas) que, pela força de encaixamento e dependência, são rotuladas como subordinadas.

Hopper & Traugott (1993) argumentam que as conexões entre orações ocorrem em um *continuum* em que as relações se dão em graus diferenciados. A parataxe representaria o grau mais ‘frouxo’ de conexão, representada pelos processos de coordenação. Os laços intermediários, como as orações adverbiais e explicativas, por serem menos encaixadas, figuram na categoria das estruturas de hipotaxe. Já as orações que possuem valência argumental de constituintes sintáticos seriam as subordinadas típicas. O quadro a seguir resume a proposta defendida pelos autores.

**Quadro 2 – Processos de subordinação**

parataxe	>	hipotaxe	>	Subordinação
- encaixamento		- encaixamento		+ encaixamento
- dependência		+ dependência		+ dependência

Fonte: Hopper & Traugott (1993)

Para efeitos desta pesquisa, consideram-se as construções relativas explicativas como hipotáticas [-encaixamento, + dependência], tendo em vista a conexão menos ‘soldada’ em relação à unidade informacional anterior, conforme discutido até aqui.

Para Chafe (1988; 1984), uma unidade informacional (ou entonacional) é demarcada no contexto sintático por uma alternância entre vocalização e eventos de silêncio. Embora as interrupções no processo comunicativo, oral ou escrito, possa se dar por razões discursivas diversas (BATISTA; MOLLICA; AVELAR, 2022), ocorrendo períodos de inatividade vocal em contextos sintáticos não previstos, de modo geral, há um pareamento, nos textos escritos, entre fluxo contínuo da fala e sua representação na escrita. De acordo com Mollica (2021, p.14), a marcação de pausa ou não entre o sujeito e o verbo não ocorre de forma aleatória. Para a autora, os eventos de silêncio, independentemente da duração, relacionam-se com funções de natureza discursiva, gramatical e psicolinguística. Dentre os fatores analisados por Mollica, a extensão do constituinte nominal (em especial, os que contêm determinante, nome e sintagma atributivo) favorece a marcação de pausa. A autora identificou ainda efeitos discursivos nos eventos de silêncio entre sujeito e verbo, o que nomeou de ‘foco de contraste’. Trata-se de um contorno prosódico diferenciado de forma a contrastar o constituinte ‘sujeito’, todo ou em parte, dos demais componentes do enunciado.

Nas produções dos discentes em análise neste estudo, observa-se, em alguns casos, o emprego da vírgula entre o sujeito e verbo ou usada indevidamente em contextos sintáticos de foco/contraste em que a partícula ‘que’ aparece em função de complementizador ou de pronome relativo:

- (3) A tabela 1, apresenta a riqueza em espécie de trepadeiras (...)
- (4) A situação dos professores no ensino, é buscar melhorias e metodologias ao ensino da língua com matérias didáticos que não é fácil de adquirir.
- (5) Outro projeto também relevante a ser citado seria o Programa de Prevenção de Riscos Ambientais (PPRA), que juntamente com outros programas, tem como foco principal(...)
- (6) A pesquisa aponta, que grande parte dos pacientes (em valores estatísticos), possuem o estado clínico em decorrência da falta de informação básica que apontam os principais fatores relacionados a decorrente situação de saúde (...)
- (7) No Brasil onde a ""raça brasileira"" que vinha dos povos indígenas, portugueses e dos negros escravizados(miscigenação), foi um dos principais palcos dessa discussão(...)
- (8) O aluno surdo que tiver adquirido a L1, tem uma comunicação que dá mais possibilidade de interagir.

Os enunciados (3) e (4) são casos de emprego da vírgula entre sujeito e verbo em que a pausa representa foco/contraste nos termos de Mollica. Em (5), o pronome relativo ‘que’, com função de sujeito do verbo ‘ter’, é deslocado para o interior da informação apositiva. Em (6), a partícula ‘que’ opera como complementizador do verbo ‘apontar’, cujo complemento é uma oração. Nesse caso, o constituinte nominal da oração subordinada e sujeito do verbo ‘possuir’ foi destacado por vírgula juntamente com o complementizador. Os enunciados (5) e (6) mostram que as marcações de foco/contraste do sujeito antecedido da partícula ‘que’ favorecem o deslocamento desse item para o interior da informação em relevo pelo emprego da vírgula. (7) e (8) são casos de sujeito com constituinte relativo atributivo que, devido à extensão (MOLLICA, 2021), favoreceu a vírgula/pausa antes do predicado. Nota-se que a partícula ‘que’ participa de estruturas sintáticas diferenciadas que causam confusões em relação ao emprego devido da vírgula.

Os enunciados a seguir são ocorrências com a forma pronominal ‘o que’:

(9) (...) a maioria dos professores se comunica com seus alunos surdos por meio de intérpretes o que segundo eles é ruim tanto para o aluno surdo quanto para o professor (...)

(10) (...) problemas físicos, como a debilidade do paciente devido aos problemas cardíacos e ao curto tempo de pré operatório o que necessita que o enfermeiro tenha uma visão clínica e rápida para resolução de problemas (...)

(11) A maioria dos surdos é alfabetizado primeiro em Libras o que dificulta na compreensão da Língua Portuguesa.

Em (9), (10) e (11), a estrutura oracional explicativa introduzida por ‘o que...’ não apresenta marca explícita de pausa. Para Decat (2014), as orações explicativas introduzidas pela forma ‘o que...’ estão entre as mais propícias para sofrer ‘desgarramento’. De fato, muitas delas foram encontradas no *corpus* isoladas por ponto-final. No entanto, apesar da extensão do período e do efeito de desgarramento favorecido pela forma ‘o que...’, em (9), (10) e (11), o falante optou por registrar a informação como um único ‘jato de linguagem’.

Essas ocorrências revelam que há estudantes universitários que operam com dificuldade a respeito do isolamento prosódico de estruturas explicativas e também em relação ao emprego correto da vírgula. O efeito discursivo de foco (5, 6), extensão do constituinte nominal (7, 8) e a oposição semântica explicativa/restritiva (1, 2, 9, 10 e 11) se apresentam como os principais fatores dessas dificuldades. Nesse caso, entende-se que uma melhor compreensão dos aspectos gramaticais, prosódicos e semânticos em relação à delimitação dessas estruturas contribuirá sobremaneira para um processo de textualização de atividades científicas dos discentes de forma mais satisfatória.

## 2 Método

A pesquisa tomou como foco a análise de estruturas oracionais relativas em 140 resumos de textos científicos de discentes de cursos de graduação de uma universidade pública, que compõem a amostra de Batista (2022). No conjunto de resumos, foram identificadas 21 ocorrências de orações explicativas. O estudo considerou, nas produções escritas, a presença x ausência de pausa, linguisticamente marcada pelo sinal da vírgula: i) ausência -> restritiva; ii) presença -> explicativa. Buscou-se investigar tais construções no âmbito da abordagem funcionalista da linguagem, em especial os estudos de Decat (1999, 2001, 2014) sobre os processos de subordinação e hipotaxe, com o objetivo de compreender a fluência dos estudantes em relação à demarcação prosódica, gramatical e semântica das orações relativas. Procedeu-se ainda com um levantamento, de forma aleatória, das orações relativas em 10 artigos científicos, publicados em periódicos qualificados pela CAPES, da área da psicologia, com o propósito de recortar alguns usos das relativas em textos científicos. A escolha dos artigos foi feita de modo a capturar exemplares entre os quais A e C, assegurando que as orações em tese são comuns em atividades de textualização do fazer científico. Os textos foram coletados da seguinte maneira: a) dois artigos de periódicos A2; b) dois artigos de periódicos B1; c) dois artigos de periódicos B3; d) dois artigos de periódico B5; e e) um exemplar de periódico C.

Esse levantamento inicial serve para justificar a relevância do destaque desse fenômeno em cursos de Leitura e Produção de Textos e em oficinas ofertadas no âmbito acadêmico. Foi realizado

um recorte de algumas ocorrências dessas construções nos dois conjuntos de dados<sup>7</sup> e objetivou-se descrever a relação entre função discursiva da construção oracional (explicativa ou não) e a demarcação gramatical dessa função por meio de sinais gráficos representativos de pausa/silêncio.

A investigação aqui empreendida compõe o conjunto de estudos do NETEC – Núcleo de Estudos do Texto Científico, da Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Divinópolis. O Núcleo, para além de investigar o processo de textualização de atividades científicas, volta-se para a oferta de minicursos e oficinas de Leitura e Produção de Textos no âmbito da unidade. Dessa forma, a análise desenvolvida neste estudo apresenta também uma proposta de intervenção pedagógica, através de oficinas, com o fito de conscientizar os estudantes sobre os processos prosódicos, gramaticais e semânticos atrelados às construções relativas empregadas no discurso científico.

### 3 Resultados e discussão

Esta seção visa discutir as estruturas que apresentaram ‘ruídos’ para interpretação. Ressalta-se que, em especial nos textos científicos, o emprego das relativas se dá em conformidade com a norma padrão. Há, porém, ainda que poucos, empregos indevidos das relativas ou mesmo uso de recursos metacomunicativos que, em vez de demarcar a distinção entre uma relativa apositiva e uma restritiva, provoca um efeito de natureza discursiva.

O quadro 3 apresenta algumas ocorrências de orações relativas explicativas em textos científicos da área da psicologia com o objetivo de explicitar o emprego comum dessas estruturas no discurso científico.

---

<sup>7</sup> É importante salientar que não se trata de uma pesquisa quantitativa. O levantamento das ocorrências nos dois *corpora* (estudantes e textos científicos) serve apenas para mostrar que se trata de um fenômeno comum no discurso científico e na escrita dos graduandos.

**Quadro 3 – Ocorrências de relativas explicativas em textos científicos da área da Psicologia**

P	C	Exemplo
Avaliação Psicológica	A2	<p>Em meio às principais teorias sociocognitivas que visam compreender a motivação, encontra-se a teoria da autodeterminação (Deci, &amp; Ryan, 2017), objeto do presente estudo, <b>que ultrapassa a dicotomia existente entre a motivação intrínseca e extrínseca</b>, indicando a existência de um Continuum motivacional (<a href="https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2004.21950.07">https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2004.21950.07</a>. Acessado em 13/11/2022).</p> <p>Em última instância do Continuum, tem-se a motivação intrínseca, <b>que parte do interesse pessoal espontâneo do sujeito</b>, da satisfação pela atividade em si, sem a necessidade de recompensa por sua realização (<a href="https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2004.21950.07">https://dx.doi.org/10.15689/ap.2021.2004.21950.07</a>. Acessado em 13/11/2022).</p>
Psicologia e Sociedade	A2	<p>A medicação como forma de equilibrar o funcionamento dos neurotransmissores e as doses de serotonina e dopamina no cérebro, <b>que estariam alteradas na esquizofrenia ou na depressão</b>, por exemplo, não possui evidência científica (<a href="https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950">https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950</a>. Acessado em 13/11/2022).</p> <p>Em segundo lugar, o fenômeno de consumo de drogas psiquiátricas tem relação com as novas indicações de prescrição, <b>que surgem conforme o conceito de doença mental se transforma a cada manual diagnóstico</b>, estabelecendo novos parâmetros diagnósticos (<a href="https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950">https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950</a>. Acessado em 13/11/2022).</p> <p>Partindo da noção de consumo como fenômeno social (e não individual ou grupal), é possível compreender como as esferas de produção e consumo são articuladas por meio do modelo clássico de consumo, <b>que se baseia na premissa de que as necessidades são inatas</b>, não podendo, portanto, ser manipuladas (<a href="https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950">https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33235950</a>. Acessado em 13/11/2022).</p>
Estilos da Clínica	B1	<p>Com o avanço dos estudos sobre o autismo desenvolvidos por Kanner na década de 1950 e, no mesmo período, com as pesquisas de Spitz, <b>que culminam com os conceitos de depressão anaclítica e hospitalismo</b>, observamos, a partir de então, que passa a ser concedido ao bebê o direito ao sofrimento psíquico e, conseqüentemente, à loucura (<a href="http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131">http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131</a>. Acessado em 13/11/2022).</p> <p>Para tanto, pretende-se retomar, de textos freudianos, momentos em que o autor apresenta, em seu pensamento, a importância da figura materna, <b>que é única e primordial</b>, responsável pelo acolhimento e pelo oferecimento do próprio ego ao bebê que acaba de nascer (<a href="http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131">http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131</a>. Acessado em 13/11/2022).</p> <p>Além disso, a partir dos anúncios freudianos, pretende-se avançar desde os chamados pós-freudianos (dentre eles Melanie Klein e Donald Woods Winnicott), até autores mais atuais, como Caroline Eliacheff e Myriam Szejer, <b>que desenvolvem práticas de</b></p>

		<b>intervenção precoce em maternidades</b> e UTIs neonais ( <a href="http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131">http://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v22i1p113-131</a> . Acessado em 13/11/2022).
Contextos Clínicos	B1	Não há consenso acerca da definição de espiritualidade. A Association of American Medical Colleges(1999), a identifica como um fenômeno presente em diferentes culturas e sociedades, sendo expressa nas buscas individuais para um sentido último, que pode se dar a partir da participação de grupos religiosos ou adesão a crenças específicas em Deus, família, racionalismo, naturalismo, humanismo e nas artes ( <a href="https://doi.org/10.4013/ctc.2022.152.14">https://doi.org/10.4013/ctc.2022.152.14</a> . Acessado em 14/11/2022). Acrescenta-se o conceito de secularização, <b>que é caracterizado pela percebida menor</b> influência da religião sobre a vida privada da população ( <a href="https://doi.org/10.4013/ctc.2022.152.14">https://doi.org/10.4013/ctc.2022.152.14</a> . Acessado em 14/11/2022).
Revista de Psicologia	B3	A lógica que justificou a fundação dos manicômios judiciários, <b>que durante o século XX mudou de denominação para hospitais de custódia e tratamento psiquiátrico</b> , assenta-se na crença de que o louco criminoso deveria ser segregado em um local específico sob a alegação de que essas pessoas representam perigo para si próprias e verdadeiras ameaças para a sociedade ( <a href="https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.1.2022.12">https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.1.2022.12</a> . Acessado em 13/11/2022). O desfecho dessa rotina consiste na reclusão da pessoa aos manicômios, <b>que, gradativamente, transformam-se, seguindo a cultura do sistema manicomial</b> , sendo marcada pelo estigma da periculosidade e pela nosografia do diagnóstico ( <a href="https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.1.2022.12">https://doi.org/10.36517/revpsiufc.13.1.2022.12</a> . Acessado em 13/11/2022).
CADERNOS DE PSICANÁLISE (CÍRCULO PSICANALÍTICO/RJ)	B3	De acordo com Alexander (2012), embora as anotações de caso de Winnicott nos revelem pouco sobre as condições sociais de seus pacientes, a maioria das famílias dos entornos do hospital eram trabalhadores de baixa renda, <b>que viviam em moradias populares ou em “favelas” superlotadas</b> ( <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-62952020000200005&amp;lng=pt">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-62952020000200005&amp;lng=pt</a> . Acessado em 14/11/2022). No contexto do trabalho de evacuação de crianças, Winnicott conheceu em 1941 a Assistente Social Psiquiátrica Clare Britton, <b>que se tornou a sua segunda esposa alguns anos mais tarde</b> ( <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-62952020000200005&amp;lng=pt">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-62952020000200005&amp;lng=pt</a> . Acessado em 14/11/2022). Winnicott (1968/1994) declara que indicava o uso das consultas terapêuticas quando avaliava existir um ambiente de suporte suficientemente bom (p. ex. o lar ou a escola), <b>que poderia continuar o trabalho iniciado pelo psicanalista</b> ( <a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-62952020000200005&amp;lng=pt">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S1413-62952020000200005&amp;lng=pt</a> . Acessado em 14/11/2022).
A Peste: Revista de Psicanálise e Sociedade	B5	Este artigo articula as noções de performatividade, enunciação e sofisticada, a partir da discussão empreendida em minha pesquisa de doutorado, <b>que interroga o processo fundacionista da ciência</b> , sustentado pelo princípio de não contradição aristotélico e suas relações com os conceitos de saber, verdade e gozo em psicanálise, considerando a possibilidade de transpor o muro de linguagem a partir do princípio da inexistência da relação sexual ( <a href="https://doi.org/10.5546/peste.v7i2.30482">https://doi.org/10.5546/peste.v7i2.30482</a> . Acessado em 14/11/2022).

		<p>Este artigo empreende uma articulação entre as posições de Judith Butler e Jacques Lacan, <b>que apontam a ontologia como efeito de discurso e sustentam, respectivamente, as noções de performatividade e enunciação</b>, de modo a situar uma crítica que interroga a noção de ser (<a href="https://doi.org/10.5546/peste.v7i2.30482">https://doi.org/10.5546/peste.v7i2.30482</a>. Acessado em 14/11/2022).</p> <p>A partir disso, proponho-me a empreender uma discussão entre ambos, Butler e Lacan, e a recorrer a Barbara Cassin, autora que desconstrói a ontologia linguística a partir da sofisticada, <b>que, a meu ver, possibilita um profícuo diálogo e maior aproximação à psicanálise lacaniana</b>, com sua noção de enunciação e com as fórmulas de sexuação (<a href="https://doi.org/10.5546/peste.v7i2.30482">https://doi.org/10.5546/peste.v7i2.30482</a>. Acessado em 14/11/2022).</p>
Revista Brasileira Adolescência E Conflitualidad e	B5	<p>Com a promulgação da nova Constituição (BRASIL, 1988), <b>que erigiu o tripé da seguridade social (Previdência Social, Saúde e Assistência Social)</b>, e a partir da criação do Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990), procurou-se estabelecer outras bases para a construção de futuras legislações que visariam, entre outras coisas, a organização dos serviços de atendimento para esta camada específica da população (<a href="https://doi.org/10.17921/2176-5626.n17p16-22">https://doi.org/10.17921/2176-5626.n17p16-22</a>. Acessado em 14/11/2022).</p> <p>O ECA definiu, ao contrário do que acontecia nas décadas que seguiram o primeiro Código de Menores (BRASIL, 1927), <b>que vigorou até o final da década de 1970</b>, outras cinco medidas alternativas à internação, tirando o peso excessivo, abusivo e sem critérios que era dado às internações (<a href="https://doi.org/10.17921/2176-5626.n17p16-22">https://doi.org/10.17921/2176-5626.n17p16-22</a>. Acessado em 14/11/2022).</p>
Revista Neurociências	C	<p>Cada setor foi identificado com uma letra específica (de A a I), <b>que juntamente com o número da circunferência indicou a localização exata do desempenho executado pelo participante</b> (<a href="https://doi.org/10.34024/rnc.2018.v26.9854">https://doi.org/10.34024/rnc.2018.v26.9854</a>. Acessado em 14/11/2022).</p> <p>Esse achado condiz com o encontrado por Wulf, McNevin e Shea<sup>13</sup>, <b>que ao utilizarem o FI</b>, demonstraram que o praticante pode inibir ou interferir nos processos de controle automático do sistema motor que normalmente regulam o movimento, enquanto que o uso do FE permite que o sistema motor se organize de forma mais natural favorecendo seu desempenho (<a href="https://doi.org/10.34024/rnc.2018.v26.9854">https://doi.org/10.34024/rnc.2018.v26.9854</a>. Acessado em 14/11/2022).</p>

Fonte: Elaboração própria.

Embora o recorte feito neste estudo seja limitado a apenas uma área do conhecimento (psicologia)<sup>8</sup>, observa-se que as orações explicativas e restritivas são recursos muito empregados no contexto científico para apresentação de detalhes e informações suplementares de seus referentes. Dada a complexidade quanto ao uso e identificação dessas construções, deve-se atentar para possíveis efeitos discursivos atrelados a esses enunciados que ultrapassem o mero emprego da vírgula.

A ocorrência (12) a seguir é um caso em que apenas o emprego da vírgula é insuficiente para capturar a informação semântica/discursiva da construção apositiva:

(12) Foi por meio da articulação deste Sistema que, passados 16 anos da publicação do ECA, a Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República e o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente apresentaram o Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo – SINASE, um guia de implantação das medidas socioeducativas. Esse é o resultado de questionamentos sobre o que deveria ser feito para enfrentar as situações de violência, que envolvia adolescentes, enquanto autores de ato infracional ou vítimas de violação de direitos no cumprimento de medidas socioeducativas. (Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17921/2176-5626.n17p16-22>. Acessado em 14/11/2022.)

O artigo trata de uma análise a respeito de diretrizes pedagógicas voltadas para adolescentes em atendimento socioeducativo. As situações de violência tratadas no texto referem-se ao público infantojuvenil. O enunciado em destaque, em termos tradicionais, constitui uma oração subordinada explicativa, considerando que esta é isolada por vírgula. A discussão principal do artigo versa sobre situação de violência com adolescentes e o próprio contexto faz remissão ao ECA. Nesse caso, a interpretação é restritiva, pois se trata de uma situação de violência específica, relativizada. Essa leitura nos mostra que o sinal gráfico da vírgula não é, por si, determinante de uma interpretação explicativa em detrimento da restritiva. A restrição pode ocorrer no texto sob um efeito discursivo de ênfase, marcado pelo isolamento entre vírgulas. Desse modo, considerando a necessidade do autor em enfatizar uma unidade informacional em uma estrutura subordinada relativa restritiva, questiona-se se o recurso prosódico por meio da vírgula para delinear esse efeito discursivo causaria ‘ruídos’ para interpretação gramatical e semântica. Para efeitos de clareza e precisão<sup>9</sup>, princípios básicos de textos técnicos e científicos, entendemos que a delimitação discursiva nesses casos deveria se dar por outros sinais gráficos (recursos metacomunicativos), como negrito ou itálico, reservando a vírgula para os aspectos gramaticais e semânticos dessas unidades informacionais em particular.

Os dados da amostra de Batista (2022) revelam que os discentes lançam mão de estruturas oracionais relativas, mostrando que o processo de textualização de atividades científicas, no que tange a informações apositivas/suplementares, se dá, normalmente, por recursos linguísticos advindos de orações hipotáticas explicativas. Em um levantamento preliminar nas produções dos discentes, foram identificadas 21 ocorrências de orações explicativas em um total de 140 resumos. Destacam-se aqui três em que a presença x ausência do sinal gráfico da vírgula não é determinante para efeitos de interpretabilidade:

<sup>8</sup> Salienta-se que esta pesquisa foi realizada em caráter preliminar e, portanto, foram coletadas apenas algumas ocorrências em textos científicos. Um *corpus* robusto de textos científicos e a classificação de orações explicativas/restritivas desse banco de dados encontram-se em desenvolvimento.

<sup>9</sup> Ver significado em: <http://www4.planalto.gov.br/centrodeestudos/assuntos/manual-de-redacao-da-presidencia-da-republica/manual-de-redacao.pdf>. Acessado em 22/03/2023.

(13) A trepadeira não suporta a vida rasteira, ao qual observamos na abóbora, na melancia e no melão **que suportam a proximidade com o solo**, por apresentar corpos tabulares **que mostram a trepadeira com o corpo fibroso**.

Em (13), a ausência da vírgula poderia levar a uma interpretação restritiva das construções em destaque. No entanto, no mundo real, como explicar a existência de uma abóbora, melão ou melancia que não suportariam uma proximidade com o solo? A mesma leitura se faz para a característica de ‘corpo fibroso’, comum às trepadeiras de modo geral.

Tendo em vista a complexidade e importância das orações relativas na escrita de textos científicos bem como os efeitos discursivos na escrita e compreensão dessas construções, esta pesquisa propõe um modelo de atividade a ser implementado em aulas de graduação ou oficinas de Leitura e Produção de Textos acadêmicos, conforme a seguir.

#### 4 Intervenção pedagógica

Os procedimentos pedagógicos destacados no presente estudo para a oferta de oficinas seguem orientações diversas, entre as quais, Possenti (2011, p.31), ao afirmar que “não se aprende por exercícios, mas por práticas significativas”; e Travaglia (2001, p.101/236-237), que compreende o ensino da língua em três instâncias: a) *a leitura*, em que se busca identificar efeitos de sentido a partir da estrutura linguística dos textos; b) *a redação ou escrita*, que requer a seleção e arranjo de recursos linguísticos para o alcance de intenções específicas de comunicação; e c) *a gramática*, que se refere a instrumentalizar o produtor a respeito do emprego de elementos linguísticos enquanto instruções ou pistas para a construção de sentidos. Ressalta-se ainda Mollica (2014, p. 57-58), que recomenda: “os exercícios devem ser pautados em pesquisas acadêmicas, de modo a indicar os contextos mais propícios ao aparecimento de cada fato gramatical a ser contemplado”.

Para o escopo deste trabalho, o foco recai sobre o ensino de estruturas oracionais relativas, com a finalidade de conscientizar os discentes sobre o emprego e efeitos discursivos dessas construções, conforme discutido ao longo do artigo. Com base na recomendação de tais autores, apresenta-se uma proposta em três etapas: i) *leitura* de trechos de textos acadêmicos que apresentem orações explicativas e restritivas; ii) *exercícios de fixação* com os dois tipos de orações, de forma a destacar seus efeitos de sentido e os casos de ambiguidade ou mesmo aqueles em que o efeito discursivo opera; e iii) *produção escrita*, através de atividades que motivem o emprego dessas estruturas oracionais conforme a interpretação pretendida. A oficina é prevista para ocorrer em 2 horas, de acordo com o quadro a seguir:

**Quadro 4 – Etapas para aplicação da oficina**

1º momento	<b>Intervenção:</b> Entrega de trechos de textos científicos para os alunos que contenham as estruturas amplamente discutidas ao longo desta investigação. Realização da leitura com os estudantes, dando destaque para as orações explicativas e restritivas. O professor pode também adequar a pontuação de algumas estruturas de forma a despertar no estudante reflexão sobre os casos de ambiguidade.
2º momento	<b>Intervenção:</b> Aplicação de exercícios, com base na gramática tradicional, de forma a levar o estudante a identificar as orações explicativas e restritivas e decidir sobre a marcação ou não de pausas a depender dos efeitos de sentido pretendidos. Neste momento, recomenda-se trabalhar apenas com as construções restritivas e explicativas, destacando também construções ambíguas.

3º momento	<b>Intervenção:</b> Entrega para os alunos de trechos de textos científicos de sua área de conhecimento e solicitação que insiram no texto orações explicativas e restritivas, marcando devidamente as pausas conforme os efeitos pretendidos. Os enunciados a serem inseridos podem ser propostos pelo professor.
------------	--

**Fonte:** Elaboração própria.

Acerca dos exercícios de fixação mencionados, destacam-se atividades de natureza analítica e interpretativa, conforme proposta a seguir:

#### Quadro 5 – Proposta de intervenção

<p>Marque (R) para as orações restritivas e (E) para as orações explicativas.</p> <p>___As crianças, que não tinham os cuidados negligenciados pelos pais, desenvolviam o apego seguro.</p> <p>___Compramos novos testes que são indispensáveis para a prática clínica.</p> <p>___As doenças crônicas, que são frequentes entre os usuários do SUS, foram objeto de estudo da turma de enfermagem.</p> <p>___O professor sugeriu os artigos que deveriam ser utilizados na apresentação.</p> <p>___O Transtorno Depressivo Maior, que é caracterizado por uma acentuada redução do interesse, possui correlações com as transmissões serotoninérgicas.</p> <p>Escolha um texto científico de sua área de formação e selecione três trechos em que aparecem orações restritivas e explicativas. Destaque as orações e avalie seus efeitos de discursivos. Indique a interpretação mais adequada nos seguintes casos de empregos da vírgula. Considere possíveis efeitos discursivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>i) Todas as pessoas, que testaram positivo para a COVID-19, serão orientadas a realizarem o isolamento.</li> <li>ii) Todos as pessoas que testaram positivo para a COVID-19 serão orientadas a realizarem o isolamento.</li> <li>iii) O resultado do exame de neuroimagem, que se mostrou inconclusivo, gerou impasses entre a equipe multidisciplinar.</li> <li>iv) O resultado do exame de neuroimagem que se mostrou inconclusivo gerou impasses entre a equipe multidisciplinar.</li> </ol> <p>Empregue o sinal gráfico da vírgula adequadamente nos enunciados a seguir, de forma a evitar ruídos para interpretação das orações relativas:</p> <p>O processo de individualização é um desafio ético ___ que exige comprometimento para consigo mesmo e também para com a norma coletiva (<a href="http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0103-08252016000200002&amp;lng=pt&amp;nrm=iso">http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&amp;pid=S0103-08252016000200002&amp;lng=pt&amp;nrm=iso</a>. Acessado em 15/11/2022).</p> <p>Consideramos a conformidade da Lei nº 13.840 com outros documentos normativos ___ que compõem a política sobre drogas, incluindo continuidades e rupturas (intertextualidade manifesta). (<a href="https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24022021">https://doi.org/10.1590/1413-81232022275.24022021</a>. Acessado em 15/11/2022).</p>
--

**Fonte:** Elaboração própria.

### Considerações finais

Esta pesquisa constitui uma das primeiras discussões do Núcleo de Estudos do Texto Científico – NETEC (UEMG/Divinópolis). A universidade oferta, para todos os seus cursos, a disciplina *Leitura e Produção de Textos*, que tem como meta aproximar o discente do discurso

científico. O Núcleo tem o compromisso de ampliar pesquisas em âmbito nacional sobre o discurso acadêmico/científico para fins de elevar o nível de letramento dos graduandos em suas tarefas de pesquisa. Desse modo, o propósito aqui foi investigar o emprego de estruturas hipotáticas *apositivas*, por vezes, usadas com sentido ambíguo por discentes e, também, com efeito discursivo de ênfase por pesquisadores experientes, conforme discutido ao longo do estudo. Trata-se de uma pesquisa em nível microtextual que busca impactar positivamente as decisões de leitura e escrita dos estudantes. Para tanto, os estudos de Decat mostraram-se de suma importância para a descrição empreendida neste trabalho. Acrescenta-se ainda que esta pesquisa teve como foco analisar estruturas oracionais muito comuns no discurso científico, demonstrando que, embora seu emprego seja majoritariamente conforme a norma padrão nos textos de pesquisadores, foi possível identificar uso da vírgula operando com efeito meramente discursivo assim como, nas produções de discentes, alguns casos da partícula ‘que’ despertaram atenção quanto à necessidade de incentivar o domínio e reconhecimento de suas funções pelos estudantes para que possam tomar decisões mais satisfatórias em suas produções.

### Referências Bibliográficas

BALLY, Charles. **Linguistique générale et linguistique historique**. 4. ed. Éditions Francke Berne, 1944-1965.

BATISTA, Hadineí; MOLLICA, Cecilia; AVELAR, Daiane. O fenômeno da pausa na correlação fala-escrita. **Letras em Revista** [S.I.], v. 12. n. 1, abr, 2022.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 2015.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2014.

CHAFE, Wallace. The deployment of consciousness in the production of a narrative. *In*: CHAFE, Wallace. **The pear stories: cognitive, cultural, and linguistic aspects of narrative production**. Norwood: Ablex, 1980.

CHAFE, Wallace. Linking intonation units in spoken English. *In*: HAIMAN; THOMPSONS (ed.). **Clause combining in grammar and discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing, p. 1-27, 1988.

CHAFE, Wallace. **Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: The University of Chicago Press, 1984.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A noção de unidade informacional no tratamento da subordinação. **Veredas atemáticas**, Juiz de Fora, v. 18, nº 2, p. 123-135, 2014.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. A articulação hipotática adverbial no português em uso. *In*: DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Aspectos da gramática do português: uma abordagem funcionalista. **Mercado de Letras**, Campinas, p. 108, 2001.

DECAT, Maria Beatriz Nascimento. Uma abordagem funcionalista da hipotaxe adverbial em português. **SériEncontros**, Araraquara, v. 0, n. 1, p. 299-318, 1999.

HALLIDAY, Michael. **An introduction to functional grammar**. 2. ed. London: Arnold; New York: Oxford University Press, 1985-1994.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Grammaticalization**. Cambridge: University Cambridge Press, 1993.

MOLLICA, Maria Cecília. **Seleção de escritos sobre pausa**. São Paulo: Editora Pontes, 2021.

MOLLICA, Maria Cecília. **Fala, letramento e inclusão social**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.

PERINI, Mário Alberto. **Gramática descritiva do português**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996.

POSSENTI, Sírio. Sobre o ensino de Português na escola. In: GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula: um clássico sobre ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Ática, p. 31, 2011.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 32. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994.

SACCONI, Luiz Antônio. **Nossa gramática**. 14. ed. São Paulo: Atual, 1991.

THOMPSON, Sandra. Subordination in formal and informal discourse. In: SCHIFFRIN, Deborah (ed.). **Meaning, form, and use in context: linguistic applications**. Washington: Georgetown University Press, p. 85-94, 1984.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática**. São Paulo: Cortez, 2001.

VILELA, Mário; KOCH, Ingedore Villaça. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Livraria Almedina, 2001.

Submetido em 28/01/2023

Aceito em 31/05/2023